

## Poeta até na ficção\*

Rafael Costa



Graças à (por muitos motivos) louvável coleção “Lendo o Pará” — que, pela sua natureza poderia denominar-se “Relendo o Pará” — tive o ensejo de conhecer de perto a obra de ficção do poeta Bruno de Menezes (1893-1963) na edição especial das “Obras Completas” (Ficção - vol. 3) daquele vate paraense e uma das principais personalidades de nossas letras: a novela “Maria Dagmar” (1950) e o romance “Candunga”, com subtítulo “Cenas das migrações nordestinas na Zona Bragantina” (1954).

As “Obras Completas”, em três volumes, lançadas ano passado por iniciativa do Governo do Estado/Secretaria de Cultura/Conselho Estadual de Cultura, apoio cultural da Academia Paraense de Letras e financeiro da Cia. Vale do Rio Doce, abrigou esses três volumes sob o n.º 14 da série, valendo ressaltar que sua publicação assinalou o centenário de nascimento do poeta (21 de março de 1963) e marcou o início do Ano Bruno de Menezes, encerrado com chave de ouro, ao lançamento de “Bruno de Menezes ou A Sutileza da transição”, (UFPa/Cejup, Belém, 1994, dos professores Célia Bassalo, J. Arthur Bogéa e João Carlos Pereira. O livro inclui o pronunciamento de Alonso Rocha na sessão da APL comemorativa do centenário de Bruno, e a palestra de Joaquim Inojosa, de maio de 1972 sobre “Modernismo no Pará”.

O poeta de “Bailado Lunar” (1924) e “Lua Sonâmbula” (1953) — precursor do movimento moder-

nista entre nós — revela-se igualmente talentoso no manejo da prosa de ficção, fenômeno não raro entre poetas. O mineiro Carlos Drummond de Andrade foi tão bom na crônica e no conto quanto na poesia, e o pernambucano Manoel Bandeira, idem, idem, para citar apenas dois exemplos.

Preocupado com as injustiças sociais, Bruno realizou duas obras de denúncias implícitas. “Maria Dagmar” é vasado em estilo de grande força poética. Aprofunda-se na existência e nas primícias de uma prostituta jogada a isso pela força das circunstâncias, e exerce esse recurso de sobrevivência envergonhada e sorratamente. “Candunga”, escrito pouco depois, é a preocupação social do poeta, não do romancista, ou seja, o homem certo no lugar errado, um estranho no ninho. Não que tenha resultado de todo, desinteressante, pelo contrário, acompanha-se com entusiasmo o desenvolvimento dramático da novela. Mas a trama soa falsa. Salva-o o posicionamento social avançado para a época, que situaria o autor na ala política de esquerda, erroneamente por muito tempo tida como comunista. Lança-se contra o capitalismo selvagem, representado, no cenário interiorano, pelo coronelismo prepotente e espoliador. O agrônomo Romário (pura coincidência do nome com o herói do tetra) é o paladino ideal, e sua ação inserida em contexto romântico previsível. Predomina a propaganda do cooperativismo. Nada contra. Mas a evidência excessiva prejudica, pela proximidade com o vício literário do maniqueísmo.

Em resumo: “Maria Dagmar” é poesia em prosa. É novela destinada à imortalidade. “Candunga” é um “romance de circunstância”. Ultrapassada esta, ficará apenas o estilo e o nome do autor para valorizá-la.

\* Publicado em “A Província do Pará” — 25 de junho de 1994